



Sociedade Brasileira de
Geriatria e Gerontologia

SBGG ARTIGOS COMENTADOS JANEIRO 2020

Por Rubens De Fraga júnior

geripar@gmail.com

Medicamentos antipsicóticos estão relacionados a lesões cerebrais em indivíduos com doença de Alzheimer

O uso de medicamentos antipsicóticos foi associado a um risco aumentado de lesões na cabeça, em um estudo com indivíduos com doença de Alzheimer. Os resultados foram publicados no Journal of the American Geriatrics Society.

O estudo nacional com indivíduos da Finlândia, realizado com pacientes portadores de doença de Alzheimer, entre 2005 a 2011, incluiu 21.795 pessoas que começaram a

tomar medicamentos antipsicóticos e 21.795 pessoas que não o fizeram. O uso de medicamentos antipsicóticos foi associado a um risco 29% maior de ferimentos na cabeça - a "taxa de eventos" foi de 1,65 vs. 1,26 por 100 pessoas/ano em usuários versus não usuários. Além disso, o uso de medicamentos antipsicóticos foi associado a um risco 22% maior de lesões traumáticas.

Ao comparar medicamentos antipsicóticos, os usuários de quetiapina tiveram um risco 60% maior de lesões cerebrais traumáticas em comparação com os usuários de risperidona.

"As pessoas com doença de Alzheimer têm um risco maior de cair, de apresentarem traumas da cabeça e pior prognóstico após esses eventos em comparação àquelas sem a doença de Alzheimer. Portanto, é importante evitar um risco cada vez maior de antipsicóticos nessa população vulnerável, se possível ", disse o principal autor, Vesa Tapiainen, da Universidade do Leste da Finlândia.

Fonte: Vesa Tapiainen et al, The Risk of Head Injuries Associated With Antipsychotic Use Among Persons With Alzheimer's disease, *Journal of the American Geriatrics Society* (2020). DOI: [10.1111/jgs.16275](https://doi.org/10.1111/jgs.16275)

Hábitos saudáveis na meia-idade estão ligados a uma vida mais longa e livre de doenças

Aderir a um estilo de vida saudável, incluindo não fumar, não estar acima do peso e se exercitar regularmente, está associado a uma expectativa de vida mais longa aos 50 anos, livre de doenças cardiovasculares, câncer e diabetes, encontra um estudo publicado no The BMJ.

O número de anos extras livres de doenças é de cerca de 7,6 para homens e 10, para mulheres, em comparação com participantes sem nenhum fator de estilo de vida de baixo risco.

Fatores de estilo de vida como tabagismo, atividade física, ingestão de álcool, peso corporal e qualidade da dieta afetam a expectativa de vida geral e a probabilidade de doenças crônicas. Mas poucos estudos analisaram como uma combinação de fatores de estilo de vida pode se relacionar com a expectativa de vida livre de tais doenças.

Para resolver essa lacuna de evidências, os pesquisadores analisaram dados de 73.196 enfermeiras americanas registradas no *Nurses' Health Study* e 38.366 profissionais do sexo masculino nos EUA, do *Health Professionals Follow-up Study*, que estavam livres de câncer, doenças cardiovasculares e diabetes no momento da inscrição.

Cinco fatores de estilo de vida de baixo risco - nunca fumar, peso saudável (IMC), pelo menos 30 minutos de atividade física diária, ingestão moderada de álcool e dieta de boa qualidade - foram usados para calcular uma pontuação no estilo de vida saudável.

A soma dessas cinco pontuações juntas deu uma pontuação final no estilo de vida de baixo risco, variando de 0 a 5, com pontuações mais altas indicando um estilo de vida mais saudável.

Os participantes foram avaliados, regularmente, por um período superior a 20 anos. Durante esse período, novos diagnósticos e mortes por câncer, doenças cardiovasculares e diabetes tipo 2 foram registrados.

Após o ajuste para idade, etnia, histórico médico familiar e outros fatores potencialmente influentes, a expectativa de vida livre de câncer, doença cardiovascular e diabetes aos 50 anos foi de 24 anos para as mulheres que não adotaram fatores de estilo de vida de baixo risco e 34 anos, para as

mulheres que adotaram quatro ou cinco fatores de baixo risco.

Da mesma forma, a expectativa de vida livre de qualquer uma dessas doenças crônicas foi de 24 anos entre homens que não adotaram fatores de estilo de vida de baixo risco e 31 anos, em homens que adotaram quatro ou cinco fatores de estilo de vida de baixo risco.

Mulheres com quatro ou cinco fatores de estilo de vida de baixo risco tiveram uma expectativa de vida 10,6 anos mais longa, livre das principais doenças crônicas, em relação a mulheres com zero fatores de estilo de vida de baixo risco. Enquanto os homens ganharam uma expectativa de vida 7,6 anos mais longa, livre de doenças crônicas maiores do que aquelas com zero fatores de estilo de vida de baixo risco.

Este é um estudo observacional e, portanto, não pode estabelecer uma causa, e os autores apontam algumas limitações, como confiar nos hábitos de vida auto-relatados.

Fonte: Healthy lifestyle and life expectancy free of cancer, cardiovascular disease, and type 2 diabetes: prospective cohort study, *BMJ* (2020). DOI: 10.1136/bmj.l6669 , <https://www.bmj.com/content/368/bmj.l6669>

ADA lança Diretrizes 2020 para atendimento médico em diabetes

Uma forte mensagem recorrente de individualizar o atendimento ao paciente é ecoada nas novas Diretrizes de Cuidados Médicos em Diabetes, da American Diabetes Association – 2020, publicadas recentemente. Com base nas mais recentes pesquisas científicas e estudos clínicos sobre diabetes, os cuidados padrões incluem recomendações e diretrizes novas e atualizadas para cuidar de pessoas com diabetes e recomendações individualizadas, para tratamento de doenças cardiovasculares com base nas condições pré-existentes dos pacientes, considerações especiais para idosos com diabetes tipo 1.

As recomendações para o tratamento de doenças cardiovasculares, que é a principal causa de morbimortalidade para indivíduos com diabetes, agora foram individualizadas com base nos riscos dos pacientes, incluindo a presença de doença cardiovascular aterosclerótica (DCVAC) ou fatores de risco para DCVAC, doença renal diabética ou insuficiência cardíaca.

Fonte: John B. Buse et al. 2019 Update to: Management of Hyperglycemia in Type 2 Diabetes, 2018. A Consensus Report by the American Diabetes Association (ADA) and the European Association for the Study of Diabetes (EASD), *Diabetes Care* (2019). DOI: [10.2337/dci19-0066](https://doi.org/10.2337/dci19-0066)

Cuidar de pessoas trans: o que os médicos devem saber

Uma das maiores barreiras para cuidar de pessoas trans é a falta de profissionais especializados. Em um movimento que reflete um crescente reconhecimento das necessidades de atendimento a transgêneros dentro da medicina estabelecida nos Estados Unidos, o New England Journal of Medicine (NEJM) publicou uma nova revisão sobre o tópico de autoria de especialistas do Sistema de Saúde Mount Sinai.

A nova revisão, intitulada "Assistência a pessoas trans", aparece na edição de 19 de dezembro da NEJM. O objetivo do artigo é servir como um recurso fundamental para ajudar a comunidade médica a separar o que é conhecido do que não existe nos serviços de saúde transgêneros.

Nos Estados Unidos, estudos estimam que aproximadamente 150.000 jovens e 1,4 milhão de adultos se identificam como transgêneros. À medida que os padrões de aceitação sociocultural evoluem, os médicos provavelmente cuidarão de um número crescente de pessoas trans.

"A intenção da revisão é fornecer orientação direta para abordar a lacuna que os indivíduos trans podem enfrentar em seus cuidados", disse o principal autor da revisão, Joshua Safer, diretor executivo do Centro Mount Sinai de Medicina e Cirurgia Transgêneros.

As recomendações da revisão incluem:

- Determinar a prontidão para o tratamento de quem o procura, estabelecendo que o paciente tem persistente incongruência de gênero e é competente para tomar decisões médicas.
- Prescrever e gerenciar a terapia hormonal com base no impacto esperado e na conscientização dos possíveis efeitos adversos do tratamento.

- Realizar triagem pelo clínico ou consultor de saúde mental quanto a condições de saúde mental que podem confundir a avaliação da identidade de gênero ou complicar o gerenciamento do atendimento.
- Compreender as várias opções cirúrgicas para indivíduos trans, considerando os desafios associados a cada um.

"O veículo mais influente para efetuar mudanças significativas e duradouras nas gerações atuais e futuras de clínicos em todas as especialidades que cuidam de indivíduos trans é a educação", acrescentou o Dr. Safer.

Fonte: Joshua D. Safer et al. Care of Transgender Persons, *New England Journal of Medicine* (2019). DOI: [10.1056/NEJMcp1903650](https://doi.org/10.1056/NEJMcp1903650)